

CRIANÇAS

É SSE caso será de ruindade ou de ignorância? Um menino, filho de um enfermeiro do IPASE, sofreu um desastre de automóvel e ficou entre a vida e a morte. O pai fez uma promessa: se o menino se salva, ele fundaria um asilo para menores. O menino ficou bom, ele fundou o asilo e acaba de ser preso, acusado de maltratar e explorar as crianças.

Que ele batia nas crianças parece não haver dúvida; resta saber se o fazia por maldade ou na crença sincera de que isso era preciso para educá-las. Também não temos elementos para afirmar que a vida miserável que as crianças levavam eram contingência de uma instituição pobre ou se o diretor desviava para si dinheiro que devia ser empregado em alimentos e roupas para crianças. A miséria da infância abandonada em uma cidade como o Rio é tão grande que talvez esse pobre homem fosse sincero e acreditasse estar sendo um benemérito. Se no SAM tivéssemos conhecimento de coisas horríveis, e ainda bastante recentes, sobre alimentação e trato de menores, que se pode esperar de um particular pobre que funda um asilo para cumprir uma promessa?

É claro que não pretendo defender esse homem, apenas quero abrir para ele a caridade de uma dúvida; mergulhamos aqui na parte mais sombria de nosso drama social, que é a vida das crianças pobres. Ainda ontem eu estava lendo o livro «Educação não é privilégio», dêsse espírito admirável que é Anísio Teixeira, e uma porção de dúvidas me assaltaram o espírito. Está visto que não vou criticar o livro de Anísio, mas essas dúvidas creio que posso honestamente confessá-las.

Anísio exige uma escola elementar de 6 anos, com seis horas mínimas de dia escolar, 240 dias letivos por ano e «professores e alunos de tempo integral». Receio de que no interior, ou pelo menos em muitos lugares do interior do Brasil, isso seja quase impraticável. O menino brasileiro da roça começa a trabalhar muito antes de ter força para pegar em um cabo de enxada; os pais necessitam de seus serviços desde cedo, e espanta ver que tarefas garotos de 5, 6 anos já cumprem no interior. Aos 10, 11 anos já faz, a bem dizer, todo o serviço de um homem; na maior parte de nossas famílias rurais essa força de trabalho é necessária devido ao baixíssimo nível de vida.

Também sou pessimista quanto à eficiência daquela espécie de municipalização do ensino primário que Anísio propõe; mais ainda, quanto a toda espécie de municipalização. O espírito público, na imensa maioria de nossas comunas me parece tão precário, a competição dos interesses tão mesquinha, a politicagem tão cinicamente elementar que, embora não me anime a ser contra, vejo sem nenhuma fé qualquer movimento municipalista.

Tomara que eu me engane; há muitas experiências a tentar no Brasil. A pobreza e a ignorância de milhões de crianças é o nosso pior drama, e o caso desse enfermeiro, por mais terrível que possa parecer no noticiário policial, é apenas uma banalidade triste bruxoleando nas trevas desse sub-mundo em que se forma — aí de nós! — o famoso Brasil de amanhã.